



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

SOM DA CALÇADA: Vivências, histórias e experiências da rua.

L.C Reis (1); Mafá (2)

(1) Leila Carine dos Reis Conceição; (2) Maria de Fátima Santos

(1) Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, leila.reis23@gmail.com; (2) Universidade Federal da Bahia – UFBA, clavedesol20@hotmail.com

Resumo: O Som da Calçada, idealizado por Maria de Fátima (Mafá), bacharelada em Gênero e Diversidade/UFBA, foi construído por muitas mãos, com o devido destaque às mulheres em situação e com trajetória de rua. Desenvolvido em parceria com a Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE), através da chamada pública Mulheres negras e populares: Traçando Caminhos, Construindo Direito, objetivou construir espaços de reflexão e construção de saberes para mulheres que viviam ou que tinham trajetória de rua na cidade de Salvador, ouvindo suas demandas e promovendo a interação entre elas, através da cultura e da arte. Foram realizadas, entre os anos de 2016 e 2017, oficinas que buscaram ampliar os conhecimentos de mulheres que frequentavam o Movimento de População de Rua de Salvador. A metodologia foi dividida em oficinas de artesanato, teatro, construção de instrumentos com papelões, diálogos sobre gênero e raça, sendo o corpo fixo do projeto, as oficinas de música. Foi recompensador ir com as mulheres em situação/trajetória de rua ao primeiro Fórum de artes negras (UFBA) e dialogar a importância da construção histórica/racial que condiciona a população negra a processos de desumanização e retiradas de direitos, que resultam na ocupação das ruas como moradia. Esse artigo é um relato de experiência sobre a construção de diálogos – foram nove meses de aprendizado, troca de experiências e construção de laços de confiança que enriqueceram o projeto e a vida de todas as pessoas envolvidas.

PALAVRAS-CHAVE: População em situação de rua, Mulheres, desigualdade social.

Era muito bom poder chegar na sede do movimento e ver alegria no olhar das meninas, elas fazendo os cursos de pintura em toalhas de prato elas poderem justamente tá interagindo. Fazendo aquelas questões de teatro... Ao mesmo tempo o projeto Som na Calçada também possibilitou que as meninas pudessem colocar para fora coisas que estavam machucando muito, coisas que elas não tinham condição de interagir, coisas que elas tinham dificuldade de expor, mas com a delicadeza e a fluidez que aconteciam as diversas atividades do som na calçada elas puderam justamente, criar um projeto, um traço mais e mais acolhedor entre elas; ao mesmo tempo pude perceber também que esse foi o lado bom, também teve um lado ruim em relação a isso, que na verdade eu acho que não seja tão

*ruim assim, nós pudemos identificar algumas meninas que, se por um lado nós percebemos que elas estavam no movimento, que elas poderiam interagir mais, nós pudemos identificar algumas que têm problemas mais internos, feridas mais profundas e que a gente pôde justamente canalizar e encaminhar essas meninas para um atendimento mais propício dentro da psicologia e do serviço social. **Maria Lucia Pereira** – Coordenadora Nacional do Movimento de População em Situação de Rua*

PRELÚDIO: A partir de uma *ori-entação*, como afirma Carla Akotirene, a ação consciente do *ori-cabeça*, escolhemos a cosmovisão africana e diaspórica para



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

pensarmos as existências das mulheres em situação ou com trajetória de rua, conseqüentemente é dessa *ori-entação* que nasce o projeto de arte-educação Som da Calçada. E para tanto, começar a narrar às experiências dessa construção, faz-se necessário saudar a terra que pisamos, visto que essa para nós é símbolo de representação da força, fertilidade, resistência, humildade, transformação, assim como as mulheres que convivemos durante a gestação do projeto.

Em seguida pedimos licença para saudar a Maria Lucia Pereira em nome das ancestrais e das mais velhas, pois nada é feito sem as bênçãos dos passos que nos antecedem, principalmente quando estas(estes) voltaram a sua massa ancestral de existência, como nos lembra o professor Jayro de Jesus sobre a visão dos yorúbas e os africanos em diáspora sobre a morte. Maria Lúcia viveu dezesseis anos nas ruas, construiu e foi coordenadora nacional do Movimento de População de Rua de Salvador até o dia que retornou ao Orum.

É preciso agradecer as protagonistas desse processo – mulheres em situação ou com trajetória de rua, lutadoras que resistem as encruzilhadas de opressões de maneira combativa e resiliente – verdadeiras Yalodês, Geledês, Amazonas em diáspora, que muito nos ensinaram, transformando a todas e todos que construíram e acompanharam o projeto.

INTRODUÇÃO: Tiene (2004) afirma que historicamente às mulheres foi negada uma identidade e que atualmente, em diversos lugares isso não mudou. Refletir sobre essa *identidade negada*, é situá-la como resultado de um processo de diferenciação, que acarreta em diferenças simbólicas e materiais entre diferentes grupos sociais. É oportuno destacar que mulheres de grupos sociais distintos vivem de maneiras diferentes e ritmos variados, pois partiram de patamares desiguais e, no desenrolar dos acontecimentos, não caminharam juntas nem no mesmo passo, e com nítidos privilégios para umas e exclusão para outras. (NAPOMUCENO, 2013).

Carneiro (2001) destaca que ao refletir sobre *mulher*, é preciso entender que mulheres são essas. Pimentel (2011) dialogando com Werneck (2002) situa que ao *contrário da mulher branca que vivia a bordar, dar ordens aos escravos e servir seu marido e senhor*, a mulher negra sempre assumiu o papel de *aglutinadora e provedora* da família. Djamila Ribeiro (2017) assinala que essa é uma questão estrutural, pois não se trata de *afirmar experiências individuais, mas de entender como o lugar social que certos grupos ocupam, restringem oportunidades*.

Como é observado por Bonfim (2009), o processo de colonização e escravização, assim como, outrora a substituição populacional,



espraia nas sociedades a lógica de hierarquização sexual e racial, um dado concreto que tem atravessado os tempos.

Retomar os aspectos históricos e culturais do país possibilita entender uma das expressões do capitalismo – a questão social – pois está apresenta aspectos políticos, econômicos e culturais, e reverbera na vida de homens e mulheres.

Visto que, Carvalho (2016) dialogando com Ianni (2004), pontua que a questão social no Brasil emerge da liberação dos negros e negras escravizadas que no pós-abolição, diante da emersão do trabalhador livre são expropriados desse trabalho e não são absorvidos pela industrialização.

A questão social no Brasil possui diversas expressões, dentre estas situa-se o *fenômeno da população de rua*. Segundo Carvalho (2016) essa população surge atrelada aos primeiros trabalhadores, *homens ex-escravos que carregam o estigma de ter que viver da caridade alheia*.

A população em situação de rua configura um grupo heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema e a quebra dos vínculos familiares. A este grupo são negados direitos fundamentais, tais como saúde, educação, trabalho e lazer. No interior desse grupo encontram-se as mulheres, que são caracterizadas como um dos seguimentos mais vulneráveis da sociedade, sendo tal

situação, reflexo da estrutura histórica androcêntrica e consequentemente da assimetria entre gêneros. Refletir sobre os contextos que permeiam a vida das mulheres em situação de rua nessa cidade, antepõem algumas questões – dentre estas, situar as mulheres em um contexto de exclusão, nitidamente racializado e patriarcal.

De acordo com a pesquisa executada pela Secretária Municipal de Promoção Social, Esporte e Combate a Pobreza (SEMPS), realizada em 2013, estima-se que existam 3.500 pessoas em situação de rua, sendo que 50% se declaram pretos e 30% Pardas. A referida pesquisa diz que 25% das pessoas que estão nas ruas de Salvador são mulheres.

Desenvolver um projeto com essas interlocutoras possibilitou demarcar a polissemia das mulheres que compõem esse grupo populacional, colocando-as como construtoras dos espaços de reflexão, rompendo com silêncios instituídos historicamente para aqueles e aquelas que foram subalternizados, corroborando para o que a filósofa Djamila Ribeiro define como *Lugar de fala* – sendo este, a possibilidade de romper com o silêncio e a hierarquização nos grupos subalternizados.

O objetivo desse artigo é relatar a experiência de construção de um trabalho conjunto com mulheres em situação e com trajetória de rua. Um projeto construído a



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

muitas mãos, onde todas puderam auxiliar na construção das oficinas, sugerindo mudanças e adaptações ao longo do processo. Ao final das oficinas às mulheres construíram os instrumentos musicais e uma celebração de encerramento de nossas atividades, momento em que esses instrumentos foram utilizados.

Eu gostei de todos os oficinairos, eles foram muito legais com a gente, em outros lugares que eu fazia curso ninguém deixava as bolsas à vontade como vocês, tinha sempre o preconceito por a gente ser de rua – Integrante do Projeto Som da Calçada.

YALODÊS, GELEDÊS, AMAZONAS... O público alvo do Projeto, a população em situação de rua, tem como uma das suas características o caráter migratório, dificultando a permanência da maioria das mulheres no desenvolvimento do projeto. Iniciamos o projeto com 20 mulheres, sendo 19 cisgenera e uma transgenera. Dessas 18 se declararam pretas ou pardas. Quanto à idade, 9 estavam na faixa entre 20 a 39 anos, 8 entre 40 e 59 anos e 3 tinham 60 anos ou mais. Quando questionadas se tinham filhos, apenas 3 disseram que não, 3 responderam que tinham pelo menos 1 filho e as demais tinham dois filhos ou mais. Das 20 mulheres, 14 estavam em um relacionamento afetivo, um dado que contrapõe dados de pesquisas oficiais sobre organização familiar na Bahia, que apontam a predominância de modelos matricentrado, sem a presença masculina

entre a população negra-mestiça em Salvador (PACHECO, 2013). Entretanto, segue as inferências sobre as estratégias de sobrevivência de mulheres em situação de rua, que buscam relacionamentos afetivos para “garantir” segurança nos espaços da rua.

Nas etapas finais do projeto 6 mulheres estavam na construção e ficaram até o encerramento. Não conseguimos delimitar os motivos que sustentaram as seis mulheres até o final do projeto, mas é possível elencar parto, *corres/bicos*, as diversas violências vividas na rua, retorno para cidade natal como condicionantes desse esvaziamento, segundo justificativa das próprias mulheres. Nós, 4 mulheres negras, oriundas de periferias de Salvador, estávamos ali, colocando em prática um sonho, que tinha início e caminho, mas sem final definido. É certo que seguimos com corações tranquilos, pois se tem uma coisa que a rua nos ensinou é a ter paciência com o tempo de ser e existir de cada um/uma.

Apesar do projeto som na calçada ter começado com a quantidade de mulheres e ter finalizado com um grupo muito menor, eu não vejo como isso tudo perdido porque pôde trazer para a gente feridas mais profundas e individuais que precisavam ser mais trabalhadas para poder preparar elas para um novo ciclo de vida; O projeto som na calçada, mesmo sem perceber teve aquele “Q” de Psicologia dentro do projeto para poder expor então segurou justamente aquelas que tinham mais tranquilidade para serem trabalhadas, mas também sustentou aquelas que a gente não conseguia perceber tanto, e que precisava de atenção mais séria, e uma atenção mais voltada para essas pessoas, e



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

que deu justamente produtos para que a equipe técnica pudesse trabalhar mais em relação as pessoas. Maria Lucia Pereira – Coordenadora Nacional do Movimento de População em Situação de Rua

METODOLOGIA: As atividades foram desenvolvidas no período de 17 de setembro de 2016 a 26 de abril de 2017, organizadas em três blocos: Musicando, Diálogos sobre Gênero e Saúde; Voz e cor. Nestes blocos foram desenvolvidas as oficinas de artesanato, teatro, construção de instrumentos com papelões, diálogos sobre gênero e raça, sendo o corpo fixo do projeto, as oficinas de música.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Musicando: A oficina de experimentação percussiva utilizou em primeira instância a metodologia de percussão corporal com intuito de permitir que as mulheres experimentassem o contato com o seu corpo, resgatando a relação rompida durante o processo de situação ou trajetória de rua. O segundo momento foi à prática, a construção dos instrumentos durante a oficina de *Construção Reciclada*. Selamos uma parceria com o projeto Bandodipapel que disponibilizou o Centro Juvenil de Ciência e Cultura – CJCC, no Colégio Estadual Central. As oficinas ocorreram duas vezes por semana, na parte da tarde nesse espaço.

Em dois meses de oficinas, debruçadas sobre percussão foi possível perceber o avanço e a motivação das mulheres, resultando em frases como essas: *quando estou aqui, esqueço de qualquer coisa* (Milano), ou *catei latinha na festa do Bonfim, e eu vim de 'virote' pra batucar, depois eu durmo* (Nice).

Fotografia 1 – Oficina com o Badodipapel



Fonte: Própria, 2017.

Voz & Cor: Teve como proposta a transversalização das linguagens artísticas e, como foco, a música e a pintura para valorização da identidade social, cultural, racial, gênero e outras. A oficina proporcionou o aprendizado da técnica de pintura em tecido, como opção de geração de renda.

As mulheres confeccionaram suas próprias estampas, inspirando-se na sua cultura, na sua identidade, dando voz a sua beleza. Nesse momento foi trabalhada a memória, a valorização do eu, soltando a voz e materializando no papel e caneta.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Fotografia 2 – Oficina de pintura em tecido



Fonte: Própria 2017.

Na perspectiva de transversalizar gênero e raça no desenvolvimento do projeto, não só nos conteúdos das oficinas, incorporamos entre osicineiros(as) convidamos uma amigo-parceiro de identidade trans para compor o time dosicineiros(as), por entendermos que a mudança começa pelo exemplo. No desenvolvimento do projeto, tivemos a oportunidade de ter uma trans entre as participantes. O que só enriqueceu o debate de gênero e diversidade proposto, ampliando o diálogo sobre a temática junto às mulheres.

Mafá, acordei nesse instante velho, tava cansado... Porra, gratidão esse convite p fazer esse corre de hj ,junto com vcs viu?! A vivência q hj vc me proporcionou (com certeza) vai marcar minha vida. Aquelas crianças mais espertas que eu, dona Júlia com aquele acolhimento todo ♥ Não sei dimensionar e tb nem quero o quanto esse projeto q acolhe essas mulheres, seus filhos, companheiros marcará a vida delas, mas só posso dizer o quão foi importante p mim q passei poucas horas, imagina p elas e eles?! AFÊ MARIA, MÁXIMO RESPEITO, VIU?! DE VERDADE MESMOOO!!!! <3<3<3<3

tô aqui escrevendo isso, querendo escrever muito mais, mas estou emocionado e não tô conseguindo desenvolver o que eu queria rrsrrs.

Diálogos sobre Gênero e Saúde: Interagindo as linguagens artísticas para o desenvolvimento das temáticas de saúde, prevenção, autocuidado, sexualidade, corresponsabilidade, saúde reprodutiva, Prevenção das DSTs, HIV/AIDS, Álcool e outras drogas, Gênero, Raça/Etnias, Lei Maria da Penha e feminicídio. Para isso, foram desenvolvidas rodas de conversas, debates e exposições didáticas dos temas abordados.

Fotografia 3 – Oficina DSTs, HIV/AIDS



Fonte: Própria, 2016.

CAMINHOS... Durante todo o processo aconteceram mudanças de natureza variadas, do esvaziamento das oficinas, mudança de local das atividades à alteração de cronograma. No tocante ao espaço físico do Movimento de População em Situação de RUA – MPR/SSA, onde as aulas aconteciam desde o início, foram necessárias mudanças, principalmente, em relação a questões estruturais, que implicavam na dificuldade de reverberar som no espaço quando ocorriam



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

outras atividades. Nesse momento estávamos caminhando para a utilização dos instrumentos e desenvolvimento de técnicas percussivas. Fomos pedir ajuda aos orixás Oxalá e Ogum, e estes se “materializaram” no espaço da Associação Filhos de Gandhi, nos acolherem no seu ilê até a festa de encerramento.

A alimentação foi responsável por muitos momentos difíceis durante o projeto. Primeiro por entendermos a dificuldade de muitas pessoas em situação de rua em encontrar ao menos uma refeição ao dia e, por outro lado, o valor que havíamos destinados a cada integrante do projeto subsidiaria um lanche apenas. Um dos grandes aprendizados que tivemos ao longo do processo – num projeto como esse as fomes a serem aplacadas são as mais diversas, mas antes que todas as outras sejam atendidas, a fome de *comida* precisa ser prioridade. O que nos levou a uma discussão em grupo, junto às mulheres, no que se refere ao fornecimento de almoço em detrimento de lanche, ficou acordado que se juntássemos o valor destinado a cada mulher, para dois dias de oficina, poderíamos fornecer almoço e garantir uma refeição completa nos dias de projeto.

O Som da Calçada acalenta o coração de quem da vida só recebeu ilusão! Traz a alegria há tempo perdida, pois seus tambores lembram que a vida ainda tem ritmo, ainda tem som, e um som bonito, um som que precisa rufar e gritar pra todo

mundo escutar. Ana Carla, analista técnica da Defensoria Pública do Estado da Bahia.

CONVIDADAS(OS) Mães e suas crias na rua? É, pois é....Tivemos sim! Porque não pensar nisso? Inexperiência com projetos? Acreditar ser improvável essa realidade na rua? A questão é que não estava contemplado – nós, mulheres negras construindo projeto junto a mulheres negras em situação de rua – demonstra que a polissemia do *ser mulher* abre espaços, e esses espaços precisam ser ponto de reflexão para que não sejam disjunção. Mães com uma ou duas crianças frequentavam as atividades, o que fazer se não contemplamos essas crianças no projeto? Precisávamos pensar uma alternativa!

Traçamos a estratégia de contatar, via rede social, pessoas que pudessem contribuir com o projeto através de atividades com as crianças e doação de brinquedos e jogos educativos. Em pouco tempo já tínhamos conseguido montar uma pequena rede que nos auxiliou em um espaço avizinhado, ficando com as crianças, enquanto suas mães assistiam às aulas na sala da frente da área do Movimento de População de Rua. Algumas crianças se adaptaram ao modelo de espaço, porém as menores ficavam mais tranquilos quando estavam próximas as mães. O que acarretou outras questão, pois as crianças choravam e algumas vezes brigavam entre si,



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

então as pessoas que se colocaram como apoio se dividiram para pintar e brincar com as crianças próximo a mãe.

No fim tudo se ajustou e as atividades seguiram com a certeza de que projetos com mulheres mães, precisam desenvolver uma estrutura que abarque confortavelmente seus filhos e assim conseguir acolhê-las de maneira satisfatória.

Esta sendo muito legal fazer e trazer meu filho, eles são muito presos, então ele fica ansioso para vir Neguinha – Integrante do Projeto Som da Calçada.

Recebemos a visita no projeto da empresa Euzaria com a oficina lambe-lambe, que passou uma manhã interagindo com as mulheres e crianças, a partir de muita música, conversas e construção de arte. Este dia nos proporcionou momento de interação entre as mães e seus filhos e estreitar os laços com todas (os) envolvidas (os).

Contamos com diversos apoios, dentre estes a empresa Kanaombo que confecciona bonecas Abayomis e bonecas de pano com referência africana e da diáspora. Um momento intenso de troca de conhecimentos com a convidada, cada uma construiu sua própria boneca. O processo de confecção das bonecas foi permeado pela contação de história ancestral que acompanha a boneca Aboyomi e conseqüentemente, levantaram diálogos sobre suas referências ancestrais.

Assunto que permeou outras oficinas, sendo retomado pelas mulheres a cada referência as histórias ouvidas, por conta da relação/referência que cada uma tinha com suas mães, ampliando e fortalecendo os vínculos entre as envolvidas. Tal experiência oportunizou um espaço, construído através de uma ciranda, que dizia: *Eu vim do ventre da minha mãe/ ela me deu semente boa/cobriu meu corpo/ espalhou benção/ sou plantadeira de semente boa* (procedimento feito em forma de roda com as participantes executando). Esse conteúdo foi utilizado para problematizar as relações maternas e começar a trilhar o caminho do autoconhecimento como instrumento de apoio na desconstrução dos estigmas sobre seus corpos que são vistos como *sem valor*, no se refere a serem descartáveis, incomodo, objetificado e hipersexualizado.

Se é sobre a rua, vamos pra rua!

Realizamos quatro atividades externas, a primeira foi direcionada ao Museu do Índio, onde puderam conhecer a historia dos primeiros habitantes do Brasil e também as referência e manifestações de África e diáspora no Mafro - Museu Afro Brasileiro, localizado no Terreiro de Jesus.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Fotografia 4 – Visita ao Museu



Fonte: Própria 2017.

Na segunda atividade fomos à praia, um momento de descontração e interação, mesmo com a dificuldade climática (choveu horrores, rsss...) fizemos uma festa banhada por águas doce e salgada – uma vez que água para mulheres negras é fundamento.

*meninas que não tanto se aproximavam do movimento da população de rua, como foi o caso de Maiara Como foi o caso de Lucineide Como foi o caso de algumas outras elas puderam se aproximar mais então o projeto som na calçada serviu de chamamento para outras mulheres mostrando o outro lado do movimento para elas e ficou para mim bastante interessante. **Maria Lucia Pereira** – Coordenadora Nacional do Movimento de População em Situação de Rua*

Fotografia 5 – Espetáculo Lótus



Fonte: Própria 2017.

Na terceira atividade externa, fomos ao teatro assistir e participar da peça Lótus, um

espetáculo que debate afetividade e a solidão da mulher negra, e compôs o primeiro Fórum de artes negras (UFBA).

ENCRUZILHADA Não consideramos o encerramento das atividades do projeto um final, mas a abertura de possibilidades, uma encruzilhada, novos caminhos.

*No dia do encerramento, vê-las no palco dos filhos de gandhy, lindas pintadas de maquiagens, já passaram pelo meio das pessoas como se fossem rainhas, a cabeça erguida e quando tomaram os seus lugares nos instrumentos que elas mesmos confeccionaram, momento mágico, elas tocaram divinamente, eu não me contive, chorei do começo ao fim porque na minha memória veio justamente como essas mulheres chegaram tão debilitadas, com a cabeça baixa...essa altivez com que elas passaram pelo meio do público como verdadeiras artistas, belas rainhas passando com olhares entrosados tomando seus lugares pegando suas batucas e fazendo som com harmonia.. isso era um sonho de vitória, era um sonho de libertação mas principalmente, era repleto de orgulho. **Maria Lucia Pereira** – Coordenadora Nacional do Movimento de População em Situação de Rua*

Fotografia 6 – Apresentação de encerramento



Fonte: Própria 2017.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

CONCLUSÕES Akotirene (2018) nos lembra que é Exu, divindade africana da comunicação, que é também senhor da encruzilhada e do que ela definiu de socorro epistêmico – a interseccionalidade. Uma possibilidade de ampliar a visão sobre os acidentes causados pelas colisões das estruturas de opressão. A intelectual afirma que é preciso entender que há uma matriz colonial moderna, responsável por relações de poder interligadas por múltiplas estruturas, sendo preciso atenção política para tal questão. É esse socorro que nos permite compreender que em um cenário de tantos *nãos*, que reverberam em muitas disparidades, ações como o Som da Calçada são um grão de direitos em meio a uma imensidão de iniquidades. Entretanto, como afirma Tiene (2004), na busca por mudanças radicais nas *relações econômicas, políticas e sociais, a dignidade das pessoas deve, pelo menos, ser preservada*. O Som da Calçada é semente que foi plantada por muitas mãos, sendo necessário terra fértil para que sejam bons seus frutos. Há muito a ser feito, projetos são bons, mas pontuais, acreditamos que a mudança efetiva virá por políticas públicas que proponham mudanças reais, sejam menos focalistas e mais polissêmicas, dando conta assim das diversas realidades que compõem as ruas desse país.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

RÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKOTIRENE, Carla; O que é interseccionalidade?; Coordenação Djamila Ribeiro. Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2018.
- BONFIM, Vânia Maria da Silva. A identidade contraditória da mulher negra brasileira: bases históricas. Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, p. 219-249, 2009
- BRASIL. Pesquisa Nacional Censitária e Por Amostragem da População em Situação de Rua. MDS, Brasília, 2007.
- _____. Política Nacional para a População em Situação de Rua. MDS, Brasília, 2009.
- CARNEIRO, S.; Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma Perspectiva de Gênero, Revista LOLA Press nº 16, novembro 2001. Disponível em:http://www.bibliotecafeminista.org.br/index.php?option=com_remository&Itemid=56&func=fileinfo&id=208 > Acesso em 15 jul. 2018
- CARVALHO, Sandra Moreira Costa de; População Adulta em Situação de Rua e o Acesso à Saúde. 1 ed. – Rio de Janeiro: Autografia, 2016. 260p.
- NAPOMUCENO, B.; Protagonismo Ignorado, p. 382-409, In.: PINSKY, B.C; PEDRO, J.M. (Org.). Nova História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2013. 549p.
- PACHECO, Ana Cláudia Lemos. Mulher negra: afetividade e solidão. EDUFBA, 2013.
- RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala?. Letramento Editora e Livraria LTDA, 2018.
- TIENE, Izalene; Mulher Moradora na Rua: Entre Vivências e Políticas Sociais; Campinas, SP: Alínea, 2004. 171p.